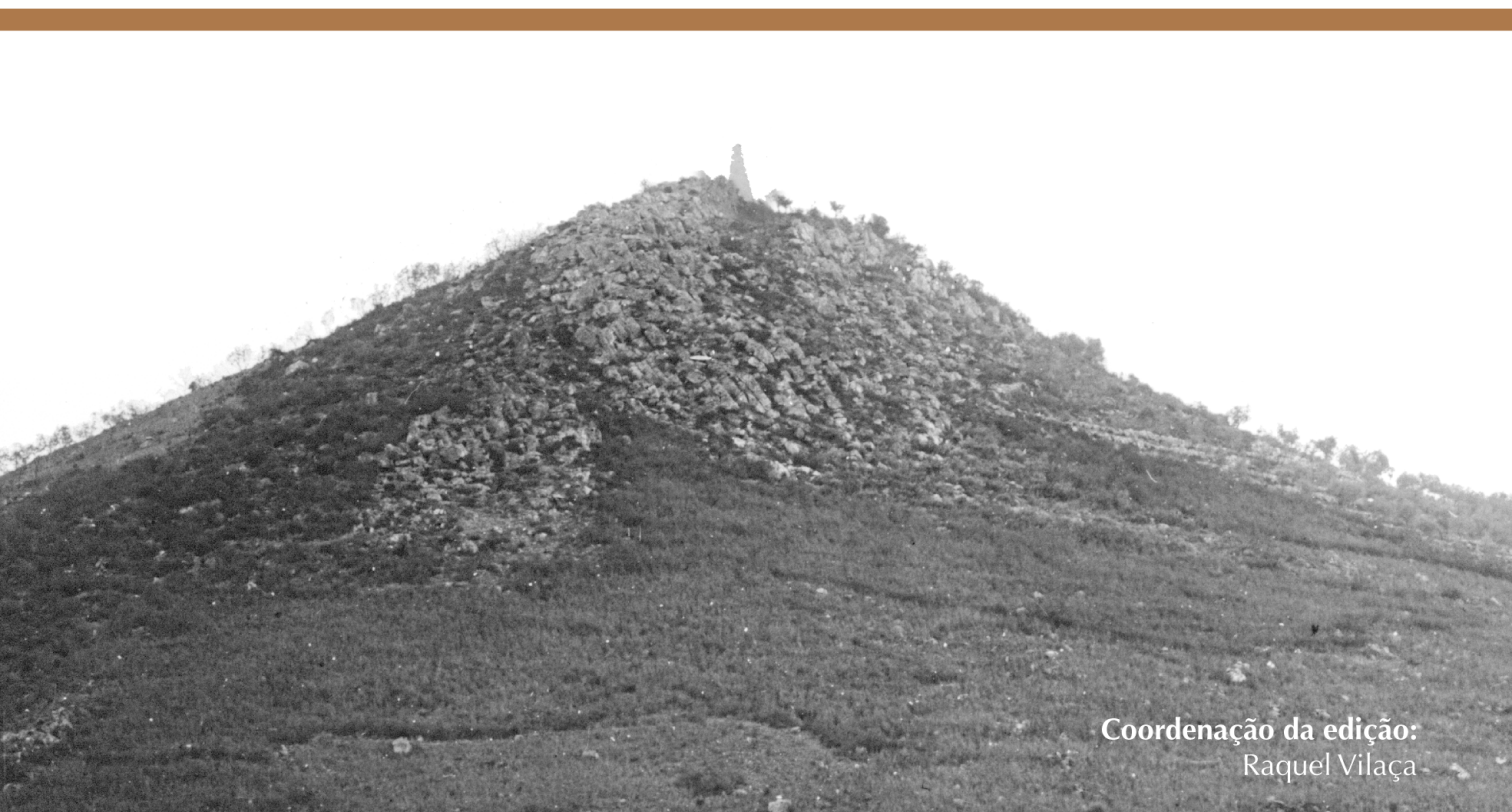


Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

II Congresso Internacional de Arqueologia Da Região de Castelo Branco

2016



Coordenação da edição:
Raquel Vilaça

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

II Congresso Internacional de Arqueologia

Da Região de Castelo Branco

2016



Título:

II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco nos 100 anos da Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Propriedade:

Câmara Municipal de Castelo Branco

Editor:

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco

Organização:

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior / Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Coordenação da edição:

Raquel Vilaça

Apoios na Organização:

Lupa – laboratório urbano pela arte; Direcção e funcionários do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior; Direcção Regional de Cultura do Centro; WorkJunior – Unipessoal, Lda.

Colaboração:

Váatão – Teatro de Castelo Branco; Restaurante Rural Gardunha; Instituto Politécnico de Castelo Branco; Câmara Municipal de Castelo Branco, Fundão e Idanha-a-Nova; Junta de Freguesia de Lavacolhos.

Fotografia da capa:

Monte de S. Martinho, por Francisco Tavares Proença Júnior. Espólio documental do Dr. António Abrunhosa

Adaptação gráfica, impressão e acabamento:

RVJ - Editores, Lda.

Tiragem:

250 exemplares

ISBN :

978-989-8289-71-1

Depósito Legal:**Ano:**

2016



Comissão Científica

- António Carvalho
- António Gonzalez Cordero
- António Martinho Baptista
 - Artur Corte Real
 - Carlos Fabião
- Enrique Cerrillo Martín de Cáceres
 - Fernando Real
- Francisco Sande Lemos
 - Helena Catarino
 - João Luís Cardoso
 - Jorge de Oliveira
 - José María Álvarez
 - Luís Miguel Gaspar
 - Luís Oosterbeek
 - Luís Raposo
- Mário Varela Gomes
 - Michael Mathias
 - Pedro Carvalho
- Pedro Proença e Cunha
 - Philine Kalb
- Primitiva Bueno Ramírez
- Raquel Vilaça - Presidente da Comissão Científica
 - Rodrigo de Balbín Behrmann

Comissão Organizadora

- André Mota Veiga
 - Carla Silva
 - Carlos Banha
- Francisco Henriques
 - João Caninas
- Manuel Lopes Marcelo – Coordenador da Comissão Organizadora
 - Pedro Miguel Salvado
 - Sílvia Moreira

Secretariado

- Cátia Mendes
- Etelvina Esteves
 - Maria Nisa
 - Vera Neves

Índice

A abrir

MARIA CELESTE CAPELO – Sessão de abertura do II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco.....17

MARIA ADELAIDE NETO S. F. SALVADO - A Sociedade de Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e o reforço da investigação arqueológica.....19

RAQUEL VILAÇA - Um Congresso e um Livro: brevíssimas notas21

Conferência, comunicações e ‘posters’

ANA CRISTINA MARTINS - Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) e a arqueologia em Castelo Branco na viragem para o século XX: textos, contextos e (des)venturas / *Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) and archaeology in Castelo Branco at the turn of the 20th century: texts, contexts and (mis) adventures*.....25

RAQUEL VILAÇA - Rer Tavares Proença, revisitando os territórios, reavaliando os dados: da Pré à Proto-história / *Re-reading Tavares Proença, revisiting the territories and reassessing the data: from Pre to Protohistory*.....61

ANA M^a MARTÍN BRAVO - El discurrir de la Edad del Hierro en el territorio hispano-luso entre Gredos y el Tajo / *The Iron Age in the Spanish-Portuguese territory between Gredos and Tajo*79

MARCOS OSÓRIO - Fortificações, territórios e dinâmicas transfronteiriças no Alto Côa / *Forts, territories and boundary dynamics in the Alto Côa region*93

JUAN VILLARROEL ESCALANTE - La raya hispano-portuguesa y sus caminos en las tierras de Alcántara / *The Spanish-Portuguese border in the territory of Alcántara*113

Pré e Proto-História da Beira e Relações Peninsulares

EDUARDO PAIXÃO, JOÃO CANINAS, EMANUEL CARVALHO, OLÍVIA FIGUEIREDO, FRANCISCO HENRIQUES, DANIELA MAIO, CÁTIA MENDES, DAVID NORA, ANDRÉ PEREIRA, LUÍS RAPOSO, TELMO PEREIRA – A jazida mustierense de Cobrinhos, Vila Velha de Ródão (Portugal) / *The Mousterian site of Cobrinhos, Vila Velha de Ródão (Portugal)*135

JÚLIO M. PEREIRA, JOANA LOURENÇO – As rochas gravadas do Pereiro (Sobral de São Miguel - Covilhã). Notícia preliminar / *The engraved rocks from Pereiro (Sobral de São Miguel – Covilhã). Preliminary information*151

JOÃO CANINAS, HUGO PIRES, FRANCISCO HENRIQUES - Aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico no registo de gravuras rupestres no Centro de Portugal / <i>Recording engravings in Central Portugal using the Morphological Residual Model</i>	165
CARLO BOTTAINI, RAQUEL VILAÇA, IGNACIO MONTERO RUIZ - Metalurgia arcaica no concelho do Fundão (Beira Interior, Portugal). Uma abordagem analítica. / <i>Ancient metallurgy from the county of Fundão (Beira Interior, Portugal). An analytical approach</i>	179
PAULO PERNADAS, MARCOS OSÓRIO, RAQUEL VILAÇA – Cerâmicas de tipo Cogotas I de Vilar Maior (Sabugal, Portugal) / <i>Cogotas I pottery type from Vilar Maior (Sabugal, Portugal)</i>	189
DIANA FERNANDES - O Castro do Cabeço da Argemela (Lavacolhos, Fundão). Uma abordagem à realidade material e o contributo para o seu enquadramento cultural e regional / <i>Cabeço of Argemela (Lavacolhos, Fundão). One approach to material reality and a contribution to its social cultural background</i>	201
Paisagem Romano-Medieval: do rural ao urbano	
JOÃO MENDES ROSA, JOANA BIZARRO - O <i>Vicus</i> romano da encosta meridional da Serra da Gardunha na tradição historiográfica e na Arqueologia / <i>The Roman vicus of the Southern slope of Gardunha in Archaeology and in the historiographical tradition</i>	219
EDGAR FERNANDES, MARIANA ALMEIDA - Cerâmicas finas romanas da área do Monte de São Martinho (Castelo Branco, Portugal) em depósito no Museu Francisco Tavares Proença Júnior / <i>Roman fine wares from the São Martinho's Hill área (Castelo Branco) stored in the Francisco Tavares Proença Júnior Museum</i>	233
PEDRO MIGUEL SALVADO – “Letreiros de romanos q se achão na v.a de Castel Branco”. Epigrafia e história fundacional albicastrense. As presenças e as ausências. / “ <i>Letreiros de romanos q se achão na v.a de Castel Branco</i> ”. <i>Epigraphy and Albicastrense founding story. Presences and absences</i>	265
MANUEL LEITÃO – Síntese sobre a evolução dos estudos epigráficos no concelho de Castelo Branco / <i>Overview of the evolution of epigraphic studies in the county of Castelo Branco</i>	283
DANIELA FREITAS FERREIRA - O contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto de ocupação romana da Beira Interior portuguesa / <i>Indigenous and Romans in the Portuguese territory-influences and changes in religious practices</i>	289
FRANCISCO HENRIQUES, JOÃO CANINAS, CARLOS NETO CARVALHO, MÁRIO CHAMBINO - Exploração aurífera antiga no rio Ponsul (Castelo Branco): novos dados / <i>Ancient Gold mining at the Ponsul River (Castelo Branco): new data</i>	307
CONSTANÇA GUIMARÃES SANTOS, ELISA ALBUQUERQUE - Paisagem, Tempo e Arqueologia: o caso da Capela de São Pedro da Capinha / <i>Landscape, Time and Archaeology: the case of St. Peter's Chapel in Capinha</i>	325

Beira Interior: o quotidiano da guerra e paz

FERNANDO HENRIQUES, CÉZER SANTOS - Levantamento Arqueológico e Patrimonial da Freguesia da Bemposta (Penamacor) / *Mapping and Heritage Survey of the Parish of Bemposta (Penamacor)*341

CÉZER SANTOS, FERNANDO HENRIQUES - Sondagens Arqueológicas no Largo do “Castelo” de Bemposta / *Archaeological surface surveys in the geographical area of the “Castle” in Bemposta*353

ROSA SALVADOR MATEOS, JOSÉ ANTÓNIO PEREIRA – Resultados dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Castelo de Castelo Branco (2008-2009) / *Results of Archaeological work carried out in Castelo Branco Castle (2008-2009)*367

CARLOS BOAVIDA - Objectos de uso pessoal medievais e modernos no castelo de Castelo Branco / *Objects of medieval and modern personal use in Castelo Branco Castle*391

ANDRÉ MOTA VEIGA, ANDRÉ OLIVEIRINHA, PEDRO MIGUEL SALVADO – O Cabeço da Forca, Castelo Novo, Fundão. Uma nova interpretação / *The Hanging Hill in Castelo Novo. A new functional interpretation*407

JOSÉ PAULO FRANCISCO, TIAGO GIL - O projecto de investigação do Castelo de Monforte de Ribacôa como âncora de um amplo programa de Arqueologia Comunitária no Vale do Côa / *The Monforte de Ribacôa Castle Reserch Project-part of a wider community archaeology project in the Côa Valley*413

Arqueologia, Museus e Centros de Interpretação

MÁRIO MONTEIRO BENJAMIM - Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo / *From interpretation of the Site to the Project: a proposal for the Rock Art of the Tagus Valley*429

SÍLVIA MOREIRA, JOSÉ LEITE – Re(vi)ver as Muralhas. Conservação e Restauro da 2ª Cintura de Muralhas de Castelo Branco / *See & live the Walls. Conservation and Restoration of the 2nd belt of walls in Castelo Branco*437

FRANCISCO HENRIQUES, JOÃO CANINAS, MÁRIO MONTEIRO, PAULO FÉLIX, ANDRÉ PEREIRA, CÁTIA MENDES, EMANUEL CARVALHO – Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos / *Archaeology of Proença-a-Nova: state of the art*447

CARLOS BANHA – A arqueologia na Beira Interior (distritos de Castelo Branco e da Guarda): perspectiva da evolução da actividade arqueológica nas duas últimas décadas / *Archaeology in Beira Interior (Castelo Branco and Guarda districts): perspective of the evolution of archaeological activity in the last two decades*475

A encerrar

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO – Palavras de encerramento. Da Arqueologia como identidade na região de Castelo Branco	489
ANTÓNIO PIRES NUNES - Discurso laudatório da homenagem ao Professor Doutor Jorge Alarcão	491
BENEDICTA DUQUE VIEIRA – Em louvor de José d'Encarnação	497
TERESA FRADE MAGALHÃES – Em louvor da minha irmã	501
MARIA CELESTE CAPELO, JORGE DE ALARCÃO, ANA MARGARIDA ARRUDA, ARTUR CÔRTE-REAL, JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, JOSÉ LUÍS MADEIRA, CLARA PORTAS, TRINIDAD NOGALES BASSARRATE, JORGE DE OLIVEIRA, PAULO CÉSAR SANTOS, MARIA HELENA SIMÕES- Helena Frade. Homenagem da Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença JR.	503

Reler Tavares Proença, visitar os territórios, reavaliar os dados: da Pré à Proto-história

Re-reading Tavares Proença, revisiting the territories and reassessing the data: from Pre to Protohistory

Raquel Vilaça (rvilaca@fl.uc.pt)

Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Resumo: Entre 1903 e 1910 Tavares Proença publica trabalhos de índole muito diversa, desde a mera e curta notícia a sínteses e relatórios de escavações, estes ainda hoje indispensáveis. O seu precoce desaparecimento e repentina cessação do trabalho arqueológico traduziram-se igualmente num interessantíssimo conjunto de inéditos, entre textos, esboços e fotografias, alguns de valor documental único.

Com base em quatro inéditos que são comentados, a autora desenvolve algumas reflexões em articulação com os resultados da investigação mais recente e disponível. Centrando-se no I milénio a.C., são abordados materiais específicos, sítios escavados e outros que o deviam ser, territórios e percursos que, em conjunto, ajudam a entender as dinâmicas sociais de uma região de encontros e confrontos.

Palavras-chave: Inéditos de Tavares Proença; Depósitos metálicos; Castros; Territórios

Abstract: From 1903 to 1910 Tavares Proença published texts of a very diverse nature, ranging from simple and short news, to summaries and excavation reports (in this case still indispensable today). His early disappearance and sudden ending of archaeological work, however, also resulted in a very interesting set of unpublished information, from texts and sketches to photographs, some of unique documentary value.

In this paper the author evaluates and discusses four unpublished pieces, reflecting about them in con-

junction with the results of the latest research. The discussion focuses on the 1st millennium BC, but is not confined to it, addressing specific materials, excavated sites and unexcavated ones (which, nonetheless, should be excavated). This allows addressing territories and pathways that, altogether, help understanding the social dynamics of a region full of encounters and confrontations.

Keywords: Unpublished work by Tavares Proença; Metal deposits; *Castros*; Territories

1.

A obra de Francisco Tavares Proença tem sido acarinhada, desde o seu falecimento, em 1916, em distintos momentos e por diferentes entidades. De 10 a 12 de Abril de 2015, a Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior deu novo contributo, promovendo o *II Congresso Internacional de Arqueologia*. Nele, a região de Castelo Branco mereceu lugar destacado, significando isso que o congresso privilegiou o território de origem e afectivo do arqueólogo albacastrense. Dizemos bem, afectivo e de eleição, porque outros territórios não lhe foram estranhos. A uns dedicou também interesse científico; a outros levou o resultado das suas pesquisas.

Estudar e divulgar o seu legado científico é regressar ao passado e às realidades que observou e registou, algumas delas irremediavelmente perdidas, ou esquecidas, mas é também pretexto para aprofundar

problemáticas que se mantêm na ordem do dia ou que perspectivam linhas futuras de pesquisa, quer para esta região, quer para fora dela.

Por conseguinte, os contributos expressos neste texto balançam entre o passado e o presente, entre a região de Castelo Branco e outras vizinhas ou mais longínquas, recordando pequena parte do conhecido e acrescentando algumas novidades.

Como foi há muito sublinhado (Dias 1972: 123), é notável o curto período de tempo — oito anos apenas, entre 1903 e 1910 — que levou a construção da obra de Tavares Proença. E contra a corrente, como também se escreveu (Fabião 2004a: 13). Primeiro a nível internacional, em França, com a apresentação de duas das três famosas estelas do Monte de São Martinho (Proença 1905 a; 1905 b), e só depois nacional.

Não obstante, a circunstância de tão breve actividade correspondeu a quase cinquenta títulos que publicou, é certo, de índole muito diversa, desde a mera e curta notícia e resumos de interesse relativo a sínteses e relatórios de escavações, estes ainda hoje de leitura obrigatória. Mas o precoce desaparecimento e repentina cessação do trabalho arqueológico traduziram-se ainda num interessantíssimo legado de inéditos, entre textos, esboços e fotografias, alguns de valor documental único, que já não pode, ou não quis, publicar.

Escolhemos quatro inéditos, que nos servirão de guião, e pretexto, nas reflexões que se seguem, dois deles já divulgados mas insuficientemente valorizados, outro indispensável e um quarto que ora se dá à estampa.

2.

Começamos por este último, que nos obriga a viajar até Leiria, cuja região também interessou a Tavares Proença, onde passava algum tempo, na sua Quinta da Cortiça (Azóia). O inédito resume-se a mero esboço anotado relativo a machado de Espite (Ourém). A sua existência mereceu já brevíssimo apontamento (Ruiivo 1999: 127). O interesse do machado e, por conseguinte, do inédito, vai, porém, muito além dele, pois faz parte de um depósito metálico e é nessa perspectiva que se apresenta aqui.

O topónimo “Espite” é conhecido no meio científi-

co desde 1891, altura em que Estácio da Veiga publica o achado de “*um empilhamento constante de muitos machados, de pedaços de outros e de metal fundido, perfazendo trinta e dois exemplares*”, achados esses realizados “*na margem de uma pequena ribeira, na ocasião de ser derribado um velhíssimo carvalho, cujas raízes desciam até 5 metros*” e a que se associavam “*cinzas, carvão e fragmentos de louça de barro*” (Veiga 1891: 152-153).

O conjunto foi adquirido por Sande e Castro (de Leiria), tendo algumas das peças chegado às mãos de Leite de Vasconcelos, outras às de Santos Rocha, pelo que se repartem entre o Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa (adiante MNA) e o Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz (adiante MMSR) (Vilaça 2007: 32).

Mas também um dos machados foi oferecido a Tavares Proença, a 12 de Setembro de 1910, pelo Sr. José Calado, conforme refere o manuscrito. Neste, e após anotações respeitantes à notícia de Estácio da Veiga supra mencionada, Tavares Proença interrogasse quanto ao paradeiro de parte da colecção de Sande e Castro e adianta: “*Na colecção do Sr. José Calado no Juncal existem 5 machados metálicos, dos quais quatro lhe foram oferecidos pelo Sr. Sande e Castro. Um foi-me oferecido pelo Sr. Calado em 12-9-910, dos provenientes de Espite*”.

É, assim, muito provável que a peça tenha dado entrada no Museu Francisco Tavares Proença Júnior (adiante MFTPJ). Infelizmente, até hoje, o machado não foi localizado, restando o esboço (Fig. 1) e o manuscrito (Fig. 2) que nos ajuda a reconstituir o que se passou com um dos mais interessantes depósitos metálicos do território português, desde logo pela sua cronologia, mas também pela quantidade de peças originalmente encontradas, mais de três dezenas, número sem dúvida excepcional para os depósitos metálicos da parte mais ocidental da Península Ibérica (Vilaça 2007 b: 70).

Com base nas informações disponíveis, o conjunto é composto por uma adaga (ou punhal), dois pedaços de metal disformes, correspondendo as restantes peças a machados planos de dimensão e formato diverso, inteiros, fracturados ou deformados.

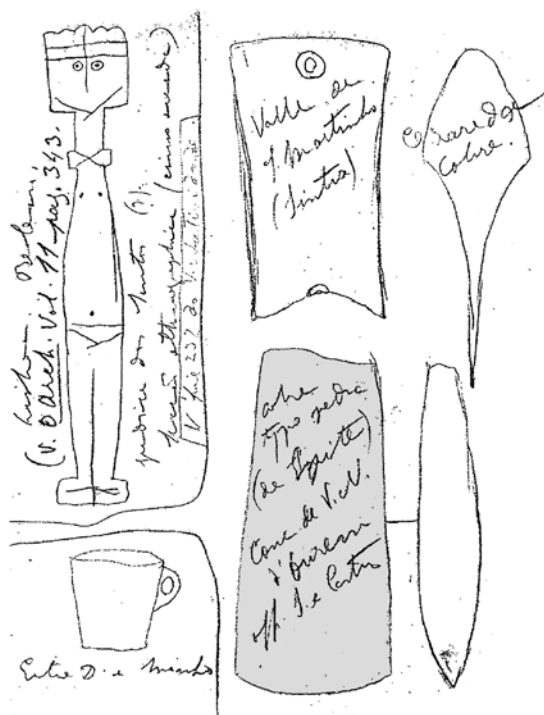


Fig. 1 - Inédito de Tavares Proença, observando-se esboço de um dos machados de Espite (adapt.).

Efectivamente, este depósito constitui um dos mais antigos conjuntos de deposição de artefactos metálicos, atribuível ao Calcolítico (2ª metade do III milénio a. C.), eventualmente ao Bronze Inicial (inícios do II milénio a. C.), atendendo, quer à tipologia dos machados e punhal, quer aos resultados das análises metalúrgicas.

Conforme refere Estácio da Veiga (1891: 153 e Est. XIX), conseguiu reunir quinze dos machados de Sande e Castro e dois pertencentes a Leite de Vasconcelos, os quais foram analisados pelo químico alemão C. von Bonhorst, análises que revelaram produções em cobre. Posteriormente, novas análises a algumas das peças, incluindo também as que se encontram no MMSR, confirmaram ser o cobre o elemento principal (com algumas impurezas) (Bittel *et al.* 1968: 24-27; 38-39). Recentemente, realizaram-se novas análises a estas últimas peças, cujos resultados estão ainda inéditos¹.

¹ Investigação desenvolvida no âmbito do projecto *Atlantic Late Bronze Age interaction through metal hoards* (ALBIMEH), coordenado por Xosé-Lois Armada, e de que a autora deste trabalho é membro.

Espite

Estácio da Veiga, (Infl. IX pag. 152) descreve antigos machados, refere-se ao aparecimento de machados de San de Castro em Espite para provar a existência de idade do cobre em Espite. Ele menciona se ali se achados um corvalho, e não se achou das raízes um amolecimento de machados de cobre, pedregos de entos e de outros pedregos 32 exemplares que foram adquiridos pelo Sr. prinzessa de Lima Pass de Verde e Castro de Antiga XIX de Ant. adquiriu 14 objectos de Espite e 3 de Aldeias. (Visto p. 152).

Ele se sabe hoje qual o entos que tem e não os objectos de Aldeias de S. Verde e Castro. São form por sete objectos no Est. de Ant. e Vasconcelos, referido de Est. 153, e devem estar hoje no Museu Ethnológico. E os restantes?

Os objectos de S. José, Aldeias no geral existem 5 machados de Aldeias, dos quais quatro são form objectos pelo Sr. Verde e Castro. Não foi um objecto pelo Sr. Aldeias em 12-8-110, dos gravamentos de Espite.

*

Fig. 2 - Inédito de Tavares Proença relativo ao machado de Espite.

O estudo do depósito, numa necessária perspectiva holística que atenda às múltiplas vertentes está, todavia, por fazer, esperando-se reunir num futuro próximo as condições para o concretizar.

A temática dos depósitos não foi estudada por Tavares Proença mas também não lhe passou completamente ao lado. Relendo a sua obra, encontramos referência a alguns depósitos metálicos, os quais nos permitem, conjugando-os com outros entretanto aparecidos, fazer uma avaliação do fenómeno no Centro do território português.

De resto, o arqueólogo albacastrense é pioneiro entre nós — embora não tenha tido disso consciência — quanto ao registo de um depósito de machados, só que, de pedra polida. Num outro lugar, tivemos oportunidade de lembrar que este tipo de fenómeno, com a manipulação e deposição de peças líticas (e não apenas metálicas), está documentado na Europa desde, pelo menos, o Neolítico, embora muito insuficientemente estudado na Península Ibérica onde, na verdade, não parece ter tido particular relevância (Vilaça 2007 b: 18).

Tavares Proença diz-nos que em Mourelo (Castelo Branco) “*apareceram há poucos anos numa fenda de um rochedo, 7 machados de pedra polida, dos quais um se perdeu [...]*” (Proença 1910 a: 11). Esta informação deixa justamente em aberto a hipótese de esse conjunto, guardado no MFTPJ, testemunhar uma mais que provável deposição intencional de machados retirados de circulação e ocultados num dos lugares naturais de maior carga simbólica, a fenda de um rochedo.

Um outro depósito assinalado por Tavares Proença corresponde também a 7 machados (ou 10, de acordo com Leite de Vasconcelos), de tipos diferentes, agora em bronze, aparecidos entre Ourondo e Paul (Covilhã) (Proença 1910 a: 12). Ao que parece, e segundo informação de Leite de Vasconcelos, estavam sobre (?) um penedo na margem esquerda da ribeira de Paul que, pouco a pouco, se cobriu de terra e que veio a ser escavado (Vasconcelos 1917: 328).

Tal como o de Espite, e à boa maneira da época em que apareceram, o que foi reunido e depositado pelas comunidades passadas foi depois dividido e desfeito pelos arqueólogos. Por isso, três dos machados deram entrada no MFTPJ (Proença 1910 a: 12), embora, e mais uma vez lamentavelmente², só um esteja identificado (Ferreira coord. 2004: 156-157). A caracterização química elementar deste machado deu como resultado uma liga de cobre e estanho e onde os valores de chumbo atingem 2,70%, conforme apresentado em poster no Congresso a que estas actas dizem respeito (Bottaini *et al*). Pelo menos um outro pertence ao MNA, ignorando-se o caminho dos restantes (Vilaça 1995: 81, 400; 2007 b: 32, 50). Todavia, na colecção de Tavares Proença existem seis machados de proveniência desconhecida (Ferreira coord. 2004: 156, 158), dois dos quais poderão pertencer a este depósito.

Sem ser possível, nem nosso objectivo, desenvolver agora considerações globais sobre a problemática das deposições metálicas da Idade do Bronze da

² Infelizmente, tudo indica que, ao longo de décadas, se perdeu informação relativa à proveniência de alguns dos artefactos de bronze (e outros) do MFTPJ e mesmo de peças cuja existência está comprovada pelo respectivo registo fotográfico (inéditos de Tavares Proença).

Beira Baixa, gostaríamos, todavia, de comentar brevemente o gráfico onde se reuniram alguns dos casos conhecidos para a zona meridional da região (Fig. 3).

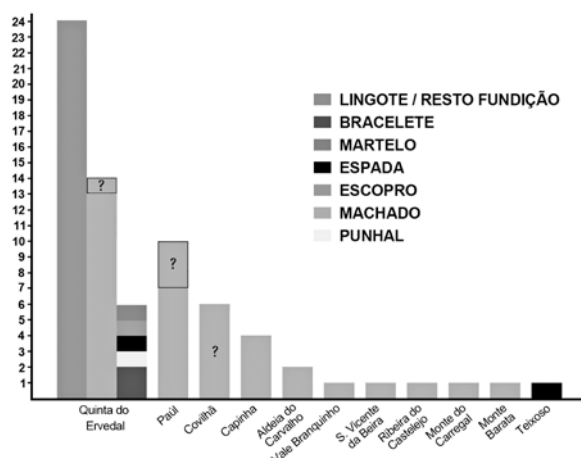


Fig. 3 - Representação gráfica de alguns dos depósitos metálicos da Beira Baixa.

É óbvia a existência de realidades muito díspares quanto à composição de cada um, quer em número, quer na categoria de artefactos, quer na sua conservação, destacando-se, sem paralelo e a nível da Península Ibérica, o da Quinta do Ervedal (Fundão) (Villas-Bôas 1947; Coffyn 1976), pelos seus lingotes de cobre plano-convexos, pelo machado intencionalmente ligado a duas argolas que anula, reciprocamente, a funcionalidade das peças, pelo total do conjunto de cerca de 17 kg de metal, entre outros aspectos. Reunindo matéria-prima e peças fabricadas, completas e novas, a par das fragmentadas, permite leituras outras, como a de índole “biográfica”, versando o ciclo de vida dos objectos, que se afasta de interpretações tradicionais (Vilaça 2007 b: 79; 85-86 e Fig. 42, 48 e 49).

É também óbvia a existência de uma esmagadora maioria de situações em que os depósitos correspondem a machados, neste caso em sintonia com os modelos de deposição registados no Ocidente Peninsular: o absoluto predomínio de deposições de um, dois, três artefactos. Na Beira Interior um possível caso de deposição tripla de machados (apenas um, plano, identificado no MNA), nunca valorizado nesta perspectiva, poderá corresponder ao achado de S.

Judia (Idanha-a-Nova), sítio que permanece igualmente por localizar (Vilaça 1995: 83).

Esta situação, que também se verifica com uma espada, a de Teixoso (Covilhã) (Vasconcelos 1934: 30; Vilaça 1995: 334 e Est. CCLIII), necessita ainda de ser perscrutada com maior atenção no sentido de se tentar compreender melhor o(s) seu(s) potenciais significado(s), quer em articulação com os castros mais próximos (Proença 1910 a: 14-15; Vilaça 1995: 334), quer com os recursos de cassiterite (aluvião e filão) de Atalaia, projecto em que trabalhamos, juntamente com Carlo Bottaini.

Sem entrarmos também na difícil discussão relativa às vicissitudes dos achados singulares, nomeadamente em meio húmido, ou nas suas margens, sempre mutáveis (Vilaça 2007 b: 47-58), assunto já tratado a nível regional a propósito do machado de Vale Branquinho (Castelo Branco) (Vilaça & Gabriel 1999) e, muito recentemente, sobre um outro recolhido junto à ribeira do Castelejo (Fundão) (Vilaça & Rosa 2015), detemo-nos nos casos cuja localização de achado em termos de proximidade permite articulá-los com lugares de habitação.

Com efeito, alguns destes machados, aparente ou supostamente perdidos, muito ganham em significância se forem valorizados numa leitura integrada no espaço, vinculando-os a lugares estruturantes para as comunidades de há 3000 anos, os povoados. Esta linha interpretativa permite entendê-los como “depósitos periféricos”, isto é, como instrumentos de marcação e de apropriação conceptual do espaço envolvente a partir do lugar que se habita, traduzindo talvez acções de sacralização ou de oferta do metal às divindades (Osborne 2004; Vilaça 2007: 62).

Nesta perspectiva, as comunidades elegeram como uma das suas estratégias na construção de um processo de territorialidade e de identidade, não os grandes monumentos, designadamente de cariz funerário, como as antas ou outros, que há muito tinham ficado para trás, mas as estelas e, na problemática ora em discussão, a manipulação e deposição de artefactos enquanto marcadores de elevada carga social e simbólica, como seria o machado, instrumento por

excelência associado ao trabalho agrícola e de carpintaria. Povoados e depósitos tornam-se entidades conexas, como testemunham dois casos de estudo que escolhemos.

Um deles configura-se num grupo formado pelo povoado de Castelo Velho, na Serra da Gardunha, visitado por Tavares Proença em 1907 (Proença 1910 a: 9). Aliás, e em função das notícias existentes, concretamente da correspondência epistolar, inédita, entre Tavares Proença e o Pe. Manuel Martins, datada de 17 de Novembro de 1909, terá sido o, ou um, dos primeiros povoados proto-históricos da Beira Baixa a ser alvo de escavações (ignorando-se por quem e em que condições), por volta de 1890 (Vilaça 1995: 78-79, com demais bibliografia). Deste local é proveniente um machado de bronze ou cobre em forma de cunha cujo paradeiro se desconhece (Proença 1910 a: 9).

O lugar (Fig. 4), por nós visitado, é de indiscutível referência visual no espaço, com as suas cristas rochosas, “*coroado de ameias naturais...*” (Martins 1910: 127) a que se associam troços muralhados de pedra seca. A ocupação do Bronze Final é testemunhada, pelo menos, por cerâmicas diversas, entre as quais de contam as de “tipo Baiões/Santa Luzia” aí recolhidas (Silva 2005: Est. I-4).



Fig. 4 – Povoado de Castelo Velho, Serra da Gardunha.

Com ele poderá estar relacionado o depósito, já referido, da Quinta do Ervedal (Fundão) e ainda, embora encontrando-se um pouco mais afastado, o lugar de achado do bracelete de ouro maciço martelado de So-

alheira (Fundão), com o peso de 193,2 g. (Armbruster & Parreira 1993: 114-115). Eis um território (Fig. 5) da vertente meridional da Gardunha e área adjacente que aguarda ainda estudo pormenorizado em termos micro-regionais.

Um outro caso encontra-se em Monforte da Beira (Castelo Branco). Aqui, em plena serra, onde o minério de ferro tem sido resgatado ao longo dos tempos, o Monte do Castelo (cujo cume é denominado “Cas-

telinho”) corresponde a importante povoado, atendendo à diacronia da sua ocupação, pelo menos desde o Bronze Final à Época Romana, e à excepcionalidade de alguns dos materiais, metálicos, como um punhal, um fragmento de possível lança de alvado, três braceletes de bronze, um de ouro semelhante ao de Soalheira (Armbruster & Parreira 1993: 108-109; Vilaça 1995: 78-79; 397-398, com demais bibliografia; Casas 1999).

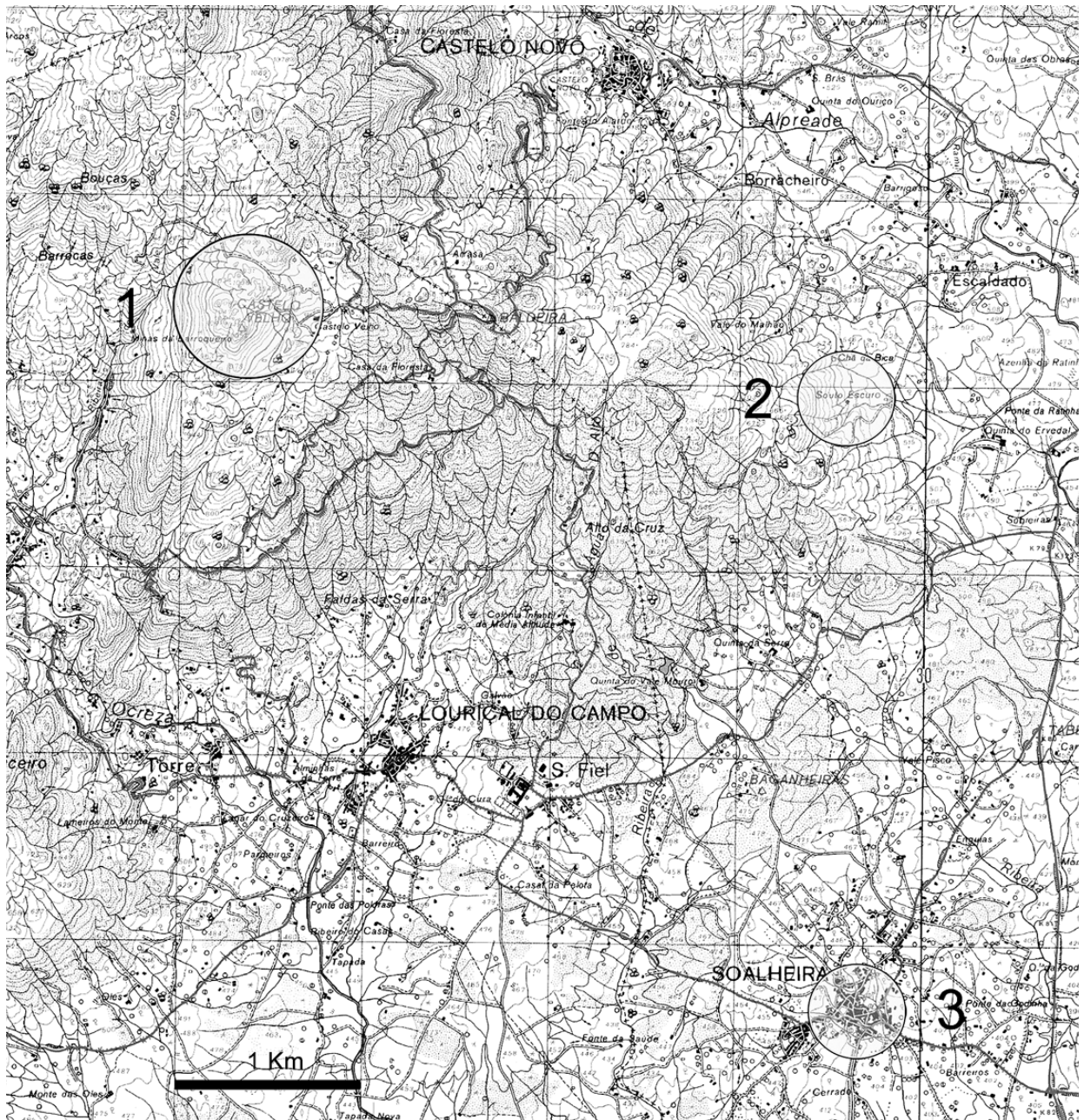


Fig. 5 – Povoamento em redor de Castelo Velho (1), com área provável de localização do depósito da Quinta do Ervedal (2) e do bracelete de Soalheira (3).

Da Idade do Ferro, e já de seus finais (séc. II-I a. C.), destaca-se o conjunto de cinco colares entrançados do Olival da Soalheira do Barbanejo, encontrado na periferia imediata do castro e hoje pertencente ao MNA, tal como os braceletes de ouro antes mencionados. Tem sido entendido, à semelhança de outros tesouros congéneres da Beira Baixa, como o de Monsanto (Idanha-a-Nova) (Fabião 2004), e de outras regiões do país, frequentemente associados a denários, como ocultações efectuadas no contexto de movimentações militares de época romana republicana (Alarcão 1999).

Em situação próxima e depositados em segunda linha relativamente ao núcleo do povoado situado no ponto mais elevado, encontram-se igualmente os locais de achado de dois machados de bronze: o de Monte Barata, de talão e de uma argola, e o de Monte do Carregal, este de talão e de duas argolas (Vilaça

1995: 79, com demais bibliografia; Ferreira coord. 2004: 156-157). A identificação dos machados de Monforte, a que se atribui ainda um outro unifacial de apêndices, também não é, assim, isenta de problemas. Sabemos da sua existência mas nem sempre é segura a sua identificação na colecção do MFTPJ.

Tal como outros desta colecção (ver supra), dois destes machados, o de Monte do Carregal e o de apêndices, foram recentemente analisados em termos químicos (Bottaini *et al.*). Os resultados, conforme seria de esperar, correspondem a ligas binárias de cobre e estanho, com diminutos teores de chumbo e de outros elementos, em consonância com a tradição metalúrgica do Bronze Final na região centro de Portugal.

Sugestiva parece ser a configuração, com todas estas ocorrências periféricas (Fig. 6), de um outro território polarizado pelo povoado de referência, neste caso com ocupação inscrita na longa diacronia.

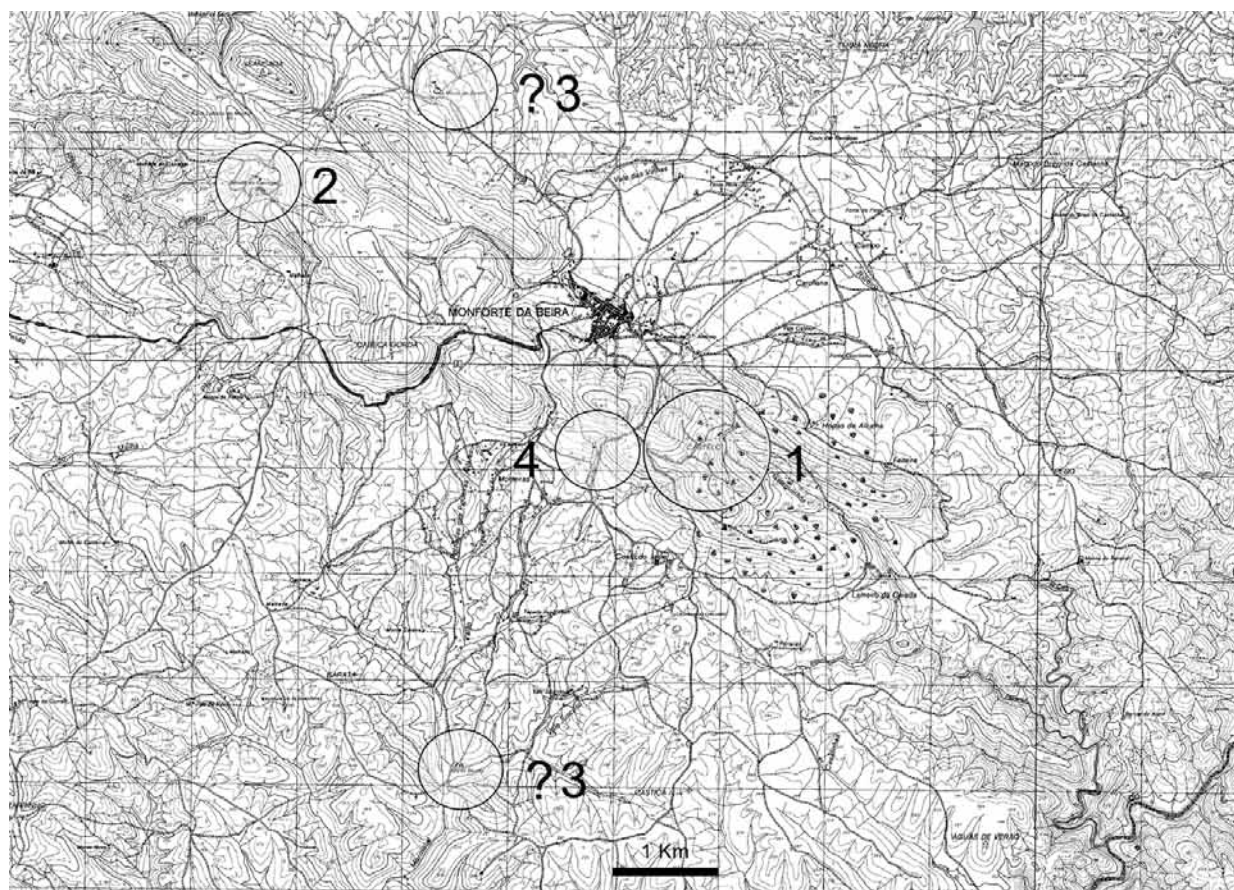


Fig. 6 - Povoamento em redor de Monforte da Beira (1), com áreas prováveis de localização dos machados de Monte do Carregal (2), Monte Barata (?3) e tesouro do Olival da Soalheira do Barbanejo (4).

E seguro é mesmo o machado de Monte do Carregal, ao que parece, proveniente de escavações realizadas em 1903 (Proença 1904; 1910a: 10; Vi-

laça 1995: 79) e é a ele que corresponde o segundo inédito de Tavares Proença que referimos no início (Fig. 7).

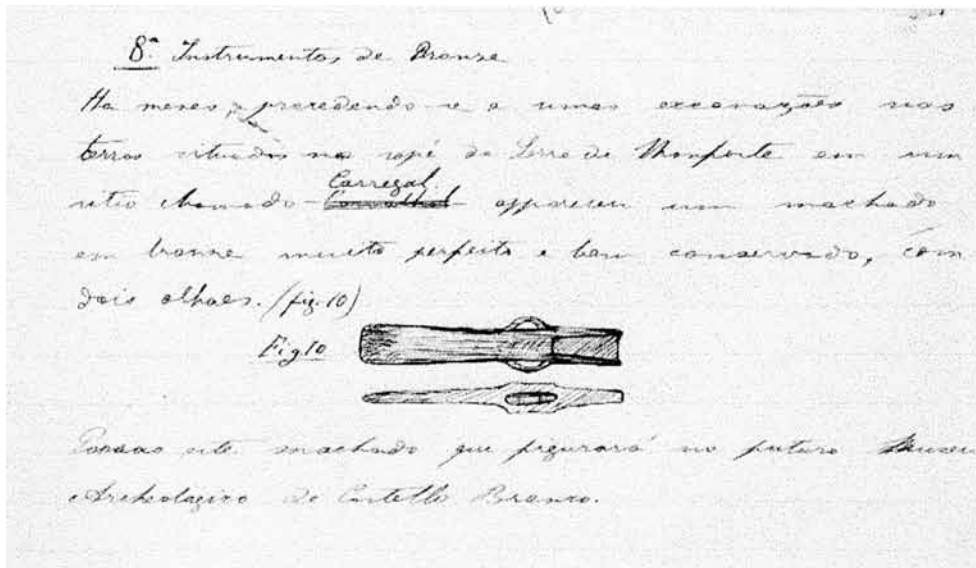


Fig. 7 – Inédito de Tavares Proença relativo ao machado do Monte do Carregal e respectivo machado (seg. Ferreira, coord. 2004).

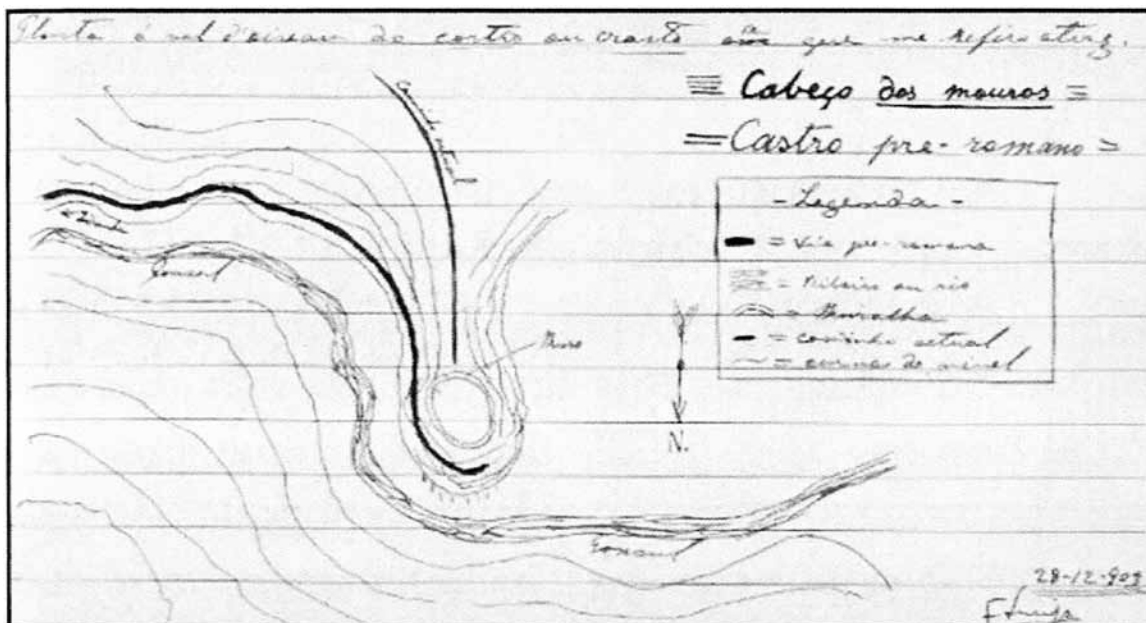


Fig. 8 - Inédito de Tavares Proença relativo ao Cabeço dos Mouros.

3.

O terceiro inédito remete-nos para o território da antiga Egitânia e para um sítio que, nele, aguarda ainda o merecido lugar em matéria de conhecimento: o Cabeço dos Mouros (Idanha-a-Velha).

O Cabeço dos Mouros corresponde ao nº 355 dos 514 castros portugueses enumerados por Tavares Proença no seu inventário (Proença 1908: 31). Sublinhe-se que o arqueólogo (Proença 1910 a: III) reconhece já para certos castros ocupação da Idade do Bronze, o que só muito tardiamente no séc. XX passou a ser valorizado.

Este interessante mas na realidade desconhecido castro, que Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1918: 8) também refere, é-nos revelado em expressivo desenho devidamente anotado, onde não se dispensaram, como convém, as curvas de nível (Fig. 8).

Como se pode observar, o castro ocupa o topo de um esporão fluvial bem marcado pela curvatura apertada do rio Ponsul, que só não o circunda do lado sul, e para onde pendem, abruptas, as vertentes. Apenas do lado sudeste o acesso é mais fácil conduzindo às elevações vizinhas. É aí que ainda se encontra a ruína de uma muralha, devidamente assinalada no esquisso.

Em trabalhos de prospecção que coordenámos em finais dos anos 90 do século XX e que deram origem a trabalho académico de Eduardo Porfírio (Porfírio 1999) observaram-se, entre intensa vegetação, troços dos seus alinhamentos que denunciam construção estruturada por grandes blocos graníticos sobre os quais assentam, a seco, lajes de xisto. Construção híbrida, portanto, não sendo absolutamente seguro se envolveria o povoado, tal como Tavares Proença assinala.

Materiais recolhidos em prospecção mas deixados no local, e outros que pudemos observar no MNA e que se mantêm inéditos, apontam para ocupação tardia dentro da Idade do Ferro e, porventura também, em Época Romana (Vilaça 2005 a: 58). As cerâmicas são de fabrico a torno, grosseiras, correspondendo a grandes recipientes de armazenagem; os elementos de moagem são rotativos, embora um dormente aponte para tecnologia (e cronologia?) mais arcaica; entre os artefactos metálicos conta-se um machado de ferro com olhal rectangular³ e ainda um denário, este referido por Félix Alves Pereira (Pereira 1909: 172). Peça interessante também aí recolhi-

³ Trata-se de uma peça encabada em ângulo recto, com 23,5 por 11,4 cm (gume) e 1,6 cm (lâmina).

da⁴, com perfuração central, em sílex calcedónico cor de mel, possui decoração com pequenos círculos e poderá corresponder a cossoiro (ou elemento de fiação), a peso de rede ou de pesca (Almeida & Ferreira 1968: 42).

O sítio nunca foi escavado mas era intenção de Tavares Proença fazê-lo, conforme afirma (Proença 1910 a: 7), e talvez o esquisso inédito aponte essa real intenção. Mas até hoje, parece que mais ninguém se interessou em fazê-lo e mesmo a tentativa, nos anos 90 do século passado, por parte dos então Serviços Regionais de Arqueologia em avançar com proposta da sua classificação como “Imóvel de Valor Concelhio” foi arquivada, ao que parece, por falta de resposta da autarquia.

Todavia, o Cabeço dos Mouros merece muito mais e talvez consubstancie, pelo lugar que ocupa (Fig. 9) e testemunhos materiais revelados, o interface não só geográfico e cronológico, mas cultural também, de um território ocupado na muito longa duração, onde emerge o “monte sagrado” de Monsanto (Fig. 10), o único em muitas dezenas de quilómetros em redor que tutela o território e toca de mais perto o céu (Vilaça 2012: 236-237).



Fig. 9 – O Cabeço dos Mouros observado desde a Barragem Marechal Carmona (Verão de 1996).



Fig. 10 - O Cabeço dos Mouros, à direita, observando-se, à esquerda e em segunda linha, Monsanto.

Para nordeste, a proximidade relativamente a Idanha-a-Velha, onde se acede por antigo caminho que parte do Cabeço dos Mouros, não pode ser ignorada, até porque não é impossível a sintonia de ocupação entre ambos os sítios arqueológicos, pelo menos numa curta fase inicial da vida da cidade romana. Aliás, escassos materiais avulsos de cronologia antiga poderiam denunciar eventual ocupação pré-romana (Almeida & Ferreira 1964; Vilaça 2005 b: 19 e nota 5) que, todavia, nunca foi confirmada estratigraficamente, nem em escavações antigas, nem nas mais recentes (Carvalho 2009: 120; 124).

A visibilidade do castro sobre o espaço envolvente é ampla. Mas é para sul e poente, onde hoje se espria o Ponsul em lago artificial criado pela Barragem Marechal Carmona que se regista visibilidade mais expressiva, simultaneamente para, e a partir do Cabeço dos Mouros.

Neste enquadramento paisagístico micro-regional, onde são cerca de uma dezena os sítios pré e proto-históricos conhecidos, o Cabeço dos Mouros foi o último a ser ocupado, já depois de abandonado, no séc. VI a. C., o povoado da Cachouça, situado em esporão do outro lado do rio. As escavações realizadas permitem-nos dizer, quer pelos materiais, quer por datações de Carbono 14, que foi ocupado durante o Bronze Final e a I Idade do Ferro (Vilaça 2005 b; 2007 a).

Salientamos, por exemplo, as cerâmicas, onde se

⁴ Nunca nos foi possível observá-la porque desconhecemos o seu paradeiro.

contam as primeiras produções a torno conhecidas na Beira Interior (Vilaça & Basílio 2000), as formas, fabricos e decorações locais, outras estilisticamente vinculadas à Meseta. Neste caso, uma das taças com decoração penteada, quebrada *in situ*, permite inscrevê-la, pelo seu contexto, num ritual de quebra intencional de artefactos, problemática para a qual Tavares Proença estava, como poucos na sua época, sensibilizado, conforme revelam as linhas que escreveu na sua *Archeologia do Districto de Castello Branco* a propósito dos rituais em monumentos megalíticos (Proença 1910 a: V). Um outro recipiente, intencionalmente perfurado na base, como acontece em rituais relacionados com a morte, foi depositado na base do talude subelíptico, construído em terra e pedras, que delimita uma área com cerca de 900 m² e cuja entrada se situaria a sudeste, do lado de melhor acesso ao rio. Este dado é particularmente sugestivo se o cruzarmos ainda com a informação obtida relativa aos sedimentos encontrados no seu interior, que acusaram teores anormais de fósforo e de manganês, indicativos de matéria orgânica, mas cuja origem pode ser diversa (Vilaça 2007 a: 69). De todo o modo, trata-se de um caso bastante singular, a que se juntam outros artefactos vinculados a práticas ritualizadas e culturais, reforçando o carácter excepcional da Cachouça.

A este propósito, destacamos os restos de caldeirões e o espeto articulado, cujo punho exhibe um provável cervídeo (Vilaça 1999), materiais que, à semelhança de outros conhecidos no espaço europeu, evocam rituais associados ao banquete nos quais o consumo cárneo terá desempenhado papel destacado. Essas práticas de elite deverão ter ajudado a legitimar desigualdades sociais que, na época, se acentuaram.

As estratégias de distinção social também se expressavam a nível construtivo, pois só em certas situações se encontram pisos em terra argilosa decorados com motivos rectilíneos e curvilíneos, os quais também poderão estar vinculados a espaços funcionais específicos (Vilaça 2007 b).

A ocupação destes primeiros séculos que inau-

guram o milénio onde tudo, ou quase tudo, mudou, no seu final já sob a égide de Roma, arrasou uma outra anterior, talvez ela própria bastante residual, datável de finais do Neolítico (IV milénio a. C.) e de que se preservaram algumas cerâmicas globulares, artefactos de pedra polida e lascada, como pontas de seta e elementos de foice com “lustre de cereal” (Vilaça 2008 b: 46-47, figs. 14 e 15, est. XIII-XV).

As comunidades neolíticas que ocuparam a área planáltica da Cachouça apropriaram-se do vale com o qual deverão ter estabelecido laços estreitos e de proximidade, se não do ponto de vista estrito da sua exploração económica, pelo menos em termos de identidade no seu microcosmos.

Aí, numa área completamente transfigurada pela Barragem e por outros usos e abusos hodiernos inscreveram-se diferentes marcadores físicos e simbólicos que sacralizaram o espaço (Fig. 11): uma necrópole megalítica com, pelo menos, seis monumentos. Destes, quatro são conhecidos no meio científico desde meados do século passado (Almeida & Ferreira 1959; Ferreira 1978) e outros dois foram identificados nos seus finais em prospecções que também coordenámos e que designámos por “Arraial do Torrãozinho 1” e “Arraial do Torrãozinho 2” (Santos 2000; Vilaça 2005 a).

Com esses monumentos é necessário articular diversos afloramentos rochosos com “covinhas”, componentes que, de igual modo e em conjunto com outros elementos naturais, como o rio, consubstanciaram, cénica e conceptualmente um espaço fruído e experienciado pelas comunidades que também circulariam entre o vale e o monte, entre o movimento das águas do rio e as metamorfoses que a terra conhecia ciclicamente cada estação do ano.

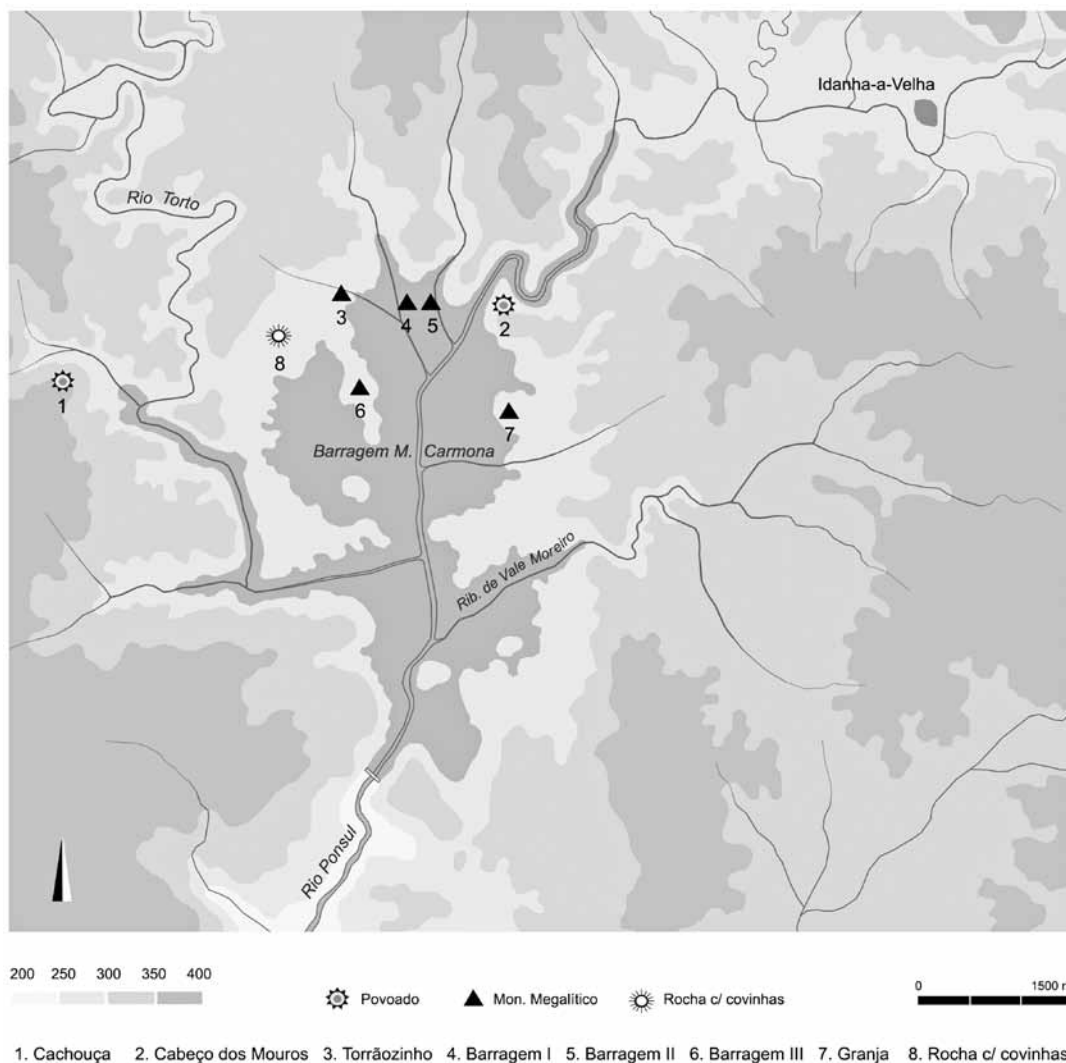


Fig. 11 – Povoamento Pré e Proto-histórico em torno do Ponsul (área norte da Barragem).

A radical transformação de todo esse espaço, onde também se dispersam diversos materiais romanos particularmente próximos de seis sepulturas individuais de xisto, esventradas, traduz-se hoje em chocantes imagens de ruínas calamitosas com destaque para os monumentos megalíticos, a que ninguém acode. Sujeitos a cruel actividade erosiva imposta pelo tempo e pela oscilação anual da cota da Barragem, que os torna ora emersos ora submersos, exibem mamoas em perda contínua, lavadas e despidas de terra (Fig. 12), mas onde ainda é possível resgatar informação, de que deixamos aqui mero e singelo esboço, inédito, do monumento “Barragem I” (Fig. 13), de câmara simples alongada, com abertura a nascente,

desenhado num final de tarde de Setembro de 2000.



Fig. 12 – Mamoas do monumento “Barragem I”.

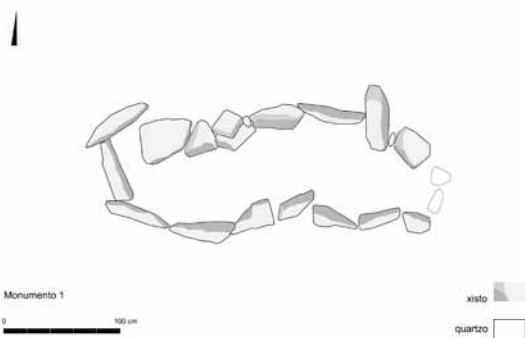


Fig. 13 – Monumento “Barragem I” e esboço da respectiva planta (elaborada por André Tomás Santos, João Nuno Marques, Raquel Vilaça e Ricardo Silva).

Sem dúvida que a área da barragem, cuja albufeira cobre cerca de 678 hectares, ao mesmo tempo que vai ganhando outras valências com festivais e a voracidade do factor “Turismo”, conhece um processo de perda acelerada e irreversível para a Arqueologia.

4.

O painel em que se inseriu a comunicação que deu origem a este texto reportava-se à “Pré e Proto-história da Beira e Relações Peninsulares”. O quarto inédito que apelidámos de “indispensável” é a imagem do Monte de São Martinho fixada pela lente de

Francisco Tavares Proença (Fig. 14). Com importante ocupação na transição do II para o I milénio a. C., a estação ajuda-nos a visualizar esse mundo distante, em permanente construção interpretativa, que colocou a Beira Interior no mapa das relações trans-regionais e recíprocas entre o Atlântico e o Mediterrâneo, já lá vão cerca de 3000 anos.



Fig. 14 – O Monte de São Martinho através da lente de Tavares Proença.

Sobre essas relações, ou o que se pensa delas, muito se tem escrito, sendo admissível, a esse propósito, encarar essa região não só como área transfronteiriça entre o Noroeste e o Sudoeste da Península Ibérica, mas culturalmente “centrifugadora”, onde se cruzaram distintas influências culturais (Vilaça 2005 b; 2008 a; 2011-2012; 2013).

Então, as lideranças e o poder manifestavam-se de múltiplas formas, nomeadamente através da exibição pública de atributos de inegável valor, como o ouro, de que o disco solar de Sobreiral (Ninho do Açor, Castelo Branco) é exemplar único (Armbruster & Parreira 1993: 170-173). A sua superfície encontra-se repleta de cones repuxados muito salientes e, na face oposta, possui pequena argola através da qual seria aplicado, muito possivelmente, sobre vestuário de prestígio.

O poder também se manifesta através do acesso a determinados bens exóticos, que chegavam e que a investigação de diversos povoados da Beira Interior tem proporcionado. Escolheram-se, imitaram-se e recriaram-se.

São artefactos e matérias tangíveis, desde logo cerâmicas da região vizinha da Meseta, decoradas com puncionamentos, frequentemente em ambas as superfícies, como as de “tipo Cogotas I” (Pernadas *et al.*, neste volume); outras, inspiradas, ou mesmo importadas, da Andaluzia, como as de “tipo Carambolo”, pintadas a vermelho. Mas também chegam determinados bens da esfera do Mediterrâneo, como fibulas, pinças, ferro, vidro, etc., ou, de mais longe ainda, desde o Báltico, contas de colar em âmbar, conforme atestaram devidamente as análises por espectroscopia de infravermelhos (Vilaça *et al.*, 2002). Em simultâneo, utilizam-se pesos de balança com valor metrológico internacional, talvez o siclo sírio de 9,3/9,4 g., com múltiplos e divisores, que permitiriam a avaliação de bens de elevado valor, como o ouro, ou outros (Vilaça 2011).

Alguns desses materiais não só foram manipulados como também se representaram nas estelas, como revelam os icónicos monumentos do Monte de São Martinho recolhidos por Tavares Proença, dois dos quais foram de imediato divulgados por si internacionalmente (Proença 1905 a; 1905 b; Ferreira coord. 2004: 159-166). A esses três testemunhos que exibem bens de prestígio, juntam-se outros nesta região de mais recente identificação, como as estelas de Baraçal (Sabugal), com espelho (Santos *et al.* 2011), tal como a de Telhado (Fundão), que também exhibe uma fibula e um pente (Vilaça 2013: 212-213; Rosa & Bizarro 2015: 95).

Portanto, novos materiais, novos costumes e ideias, mas também artefactos, alguns bem enigmáticos e sofisticados como uma pega de bronze que nos conduz, de novo, ao Monte de São Martinho, onde foi recolhida superficialmente nos anos 80 do séc. XX (Vilaça 2004 a). A técnica de fabrico, através do método designado por “cera perdida”, e o estilo, com a típica decoração em espinha, apontam para produções da esfera sardocipriota que chegam, através da Sardenha, à parte mais ocidental do mundo conhecido de então.

Estes testemunhos excepcionais do Monte de São Martinho não nos trazem, todavia, e necessariamente, mais luz sobre esta estação, onde são inúmeras as

questões, algumas já identificadas (Vilaça 2004 b: 60). Na realidade, pouco se conhece deste sítio arqueológico. Desde logo, porque é o monte das “duas faces”, na fisionomia e da vertente cultural.

Uma das faces é a do povoado e dos humanos que nele terão habitado, escolhendo elevação em lomba (Fig. 15) que, convenientemente, não dava nas vistas mas lhes conferia protecção e lhes permitia vigiar os campos imediatos de cultivo e de pasto e controlar, mais além, os caminhos do minério e do metal.



Fig. 15 – O Monte de São Martinho (visto a partir de poente).

A outra é a do lugar sagrado e consagrado pelas três bem conhecidas estelas, onde as divindades tinham lugar cativo ou onde certos humanos, mais perto daquelas do que dos seus semelhantes, porque de estatuto excepcional, mereceram sacralização perene quando figurados naquelas.

Essa é também a face cónica e icónica, geométrica, referencial de ontem e de hoje, neste caso também especialmente vulnerável ao avanço da pressão urbanística (Fig. 16). O lugar, carregado de simbolismo geracional, é uma daquelas situações em que a herança arqueológica não é só patrimonial mas também emocional, de forte ligação aos albicastrenses, de nascimento e de sentimento, tal como o tinha sido para Tavares Proença, lugar onde fez precisamente, a 17 de Setembro de 1903, o seu baptismo de campo como arqueólogo investigador da Proto-história (Proença 1903).

É certo que o monte, unindo a terra e o céu, revela-se esplendorosamente à vista de todos, mas nenhum de nós viu ainda o que oculta na sua essência, material e simbolicamente.

Tavares Proença iniciou um caminho que apelidou de “*selva escura*” (Proença 1903: 24; 1910 a: II). Com um indispensável espírito crítico, reconheceu a necessidade de repensar o que tinha por certo (Proença 1910 b: 40, nota 6; 41, nota 2). Pela própria natureza da ciência arqueológica, ninguém completará esse caminho, mas todos temos a responsabilidade, pelos mais diferentes

modos, de o desenvolver, de construir outros e de ajudar a desfazer o emaranhado da selva.

Agradecimentos:

A José Luís Madeira pela elaboração das figuras 5, 6 e 11.

A Carlo Bottaini pelo gráfico da figura 3.



Fig. 16 - O Monte de São Martinho (visto a partir do castelo de Castelo Branco).

Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1999) - O contexto histórico dos tesouros republicanos romanos em Portugal, *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XX, CSIC, Madrid, p. 1-8.
- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1959) - Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha, *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa, p. 225-230.
- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1964) - Antiguidades da Egitania. Alguns achados dignos de nota, *Arqueologia e História*, 8ª série, XI, Lisboa, p. 95-101.
- ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1968) - Uma interessante antigualha do Castro do Cabeço dos Mouros (Idanha-a-Velha), *O Arqueólogo Português*, série III, II, p. 39-44.
- ARMBRUSTER, B.; PARREIRA, R. (dir.) (1993) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia, I. Do Calcolítico à Idade do Ferro*, Lisboa, Instituto Português de Museus.
- BITTEL, K., JUNGHANS, S., OTTO, H., SANGMEISTER, E., SCHÖDER, M. (1968) - *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, Band 2, Teil 3, Gebr. Mann Verlag, Berlin.
- BOTTAINI, C; BELTRAME, M.; MIRÃO, J.; CANDEIAS, A. (inédito) – Metais pré e proto-históricos à base de cobre das coleções do Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Uma abordagem arqueométrica, poster apresentado no *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco* (2015).
- CANAS, N. (1999) - O Castro de Monforte da Beira (Castelo Branco), *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 7, p. 303-305.
- CARVALHO, P. (2009) - O *Forum dos Igaeditani* e os primeiros tempos da *Civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Portugal), *Archivo Español de Arqueología*, 82, p. 115-131.
- COFFYN, A. (1976) - *L'âge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.
- DIAS, J. L. (1972) - Francisco Tavares Proença Júnior: fundador do Museu de Castelo Branco: vida e obra, *Estudos de Castelo Branco*, Castelo Branco, 40.
- FABIÃO, C. (2004a) - O arqueólogo Francisco Tavares de Proença Júnior. In Ferreira, coord., *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, IPM, Castelo Branco, p.12-27.
- FERREIRA, A. M. (coord.) (2004) - *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, IPM, Castelo Branco.
- FERREIRA, O. V. (1978) - Subsídio para a Carta Arqueológica da região Egíptiense, *Setúbal Arqueológica*, IV, p. 227-235.
- MARTINS, Pe. M. (1910) - A Serra da Gardunha, *Brotéria*, IX (IV), p. 126-142; 161-177.
- OSBORNE, R. (2004) - Hoards, votives, offerings: the archaeology of the dedicated object, *World Archaeology*, London, Routledge, 36 (1), p. 1-10.
- PEREIRA, F. A. (1909) - Ruínas da epigraphia lusitano-romana, *O Archeologo Português*, XIV, p. 169-107.
- PORFÍRIO, E. (1999) - *Cabeço dos Mouros. Proposta para uma análise especial*, Coimbra, Instituto de Arqueologia (trabalho policopiado).
- PROENÇA, F. T. (1903) - *Antiguidades* (I - Resultados de explorações feitas nos arredores de Castello Branco em Setembro e Outubro de 1903), Coimbra, Typographia França Amado.
- PROENÇA, F. T. (1905a) - *Notice sur deux monuments épigraphiques*, Coimbra, Typographia França Amado.
- PROENÇA, F. T. (1905b) - Notice sur le Préhistoire de Beira-Baixa et sur deux monuments graves trouvés en Portugal, *Congrès Préhistorique de France*, Périgueux, p. 281-285.
- PROENÇA, F. T. (1908) - *Ensaio de inventário dos castros portugueses*, Leiria.
- PROENÇA, F. T. (1909) - *Manuscritos* (inéditos, em depósito no MFTPJ).
- PROENÇA, F. T. (1910a) - *Archeologia do Districto de Castello Branco*, Leiria, Typographia Leiriense.
- PROENÇA, F. T. (1910b) - Inscrições inéditas, *O Archeologo Português*, XV, p. 39-54.
- ROSA, J. M.; BIZARRO, J. (2015) - Arqueologia do concelho do Fundão. Contributos para a Carta Arqueológica, *Ebu-robriga*, 8, Fundão, p. 91-107.
- RUIVO, J. (1999) - Tavares Proença e a Arqueologia da região de Leiria, *III Colóquio sobre a História da Leiria e da sua região*, Câmara Municipal de Leiria, p. 123-136.
- SANTOS, A. T. (2000) - O megalitismo da área da baragem Marechal Carmona (Concelho de Idanha-a-Nova): uma análise espacial, *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, III, Porto, p. 413-422.
- SANTOS, A. T.; VILAÇA, R.; MARQUES, J. N. (2011) - As estelas do Baraçal, Sabugal (Beira Interior, Portugal). In Vilaça, R. (coord.), *IV Jornadas Raianas sobre Estelas e Estátuas-menires: da Pré à Proto-história*, Sabugal, p. 319-342.
- SILVA, R. C. (2005) - *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*, Coimbra, FLUC (tese de mestrado).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1919) - Antigualhas da Beira Baixa, *O Archeologo Português*, XXIII, p. 3-8.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1934) - Antiguidades do concelho da Covilhã, *Biblos*, 10, Coimbra, p. 24-31.
- VEIGA, S. Estácio da (1891) - *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Pré-históricos*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VILAÇA, R. (1990) - Broche à rôtir articulée de Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Portugal), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tome 87(6), Paris, p. 167-169.
- VILAÇA, R. (1995) - *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, 9, IPPAR, Lisboa.
- VILAÇA, R. (2004a) - Ecos do Mediterrâneo no Monte de

São Martinho (Castelo Branco): a propósito de um artefacto do Bronze Final, *Estudos de Castelo Branco*, nova série, 3, p. 5-18.

VILAÇA, R. (2004b) - O monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze. In Ferreira, A. M. (coord.), *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, IPM, Castelo Branco, p. 54-61.

VILAÇA, R. (2005a) - Arqueologia na área da Barragem Marechal Carmona (Idanha-a-Nova), *Ebvrobriça*, 3, Fundão, p. 53-61.

VILAÇA, R. (2005b) - Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a. C., in *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia [Actas das 2^{as} Jornadas do Património da Beira Interior]*, Centro de Estudos Ibéricos, Guarda, p. 13-32.

VILAÇA, R. (2007a) - A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco). Construção e organização de um caso singular de inícios do I milénio AC. In Jorge, S. O.; Bettencourt, A.; Figueiral, I. (eds.), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica, [Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro]*, p. 67-75.

VILAÇA, R. (2007b) - *Depósitos de Bronze do território Português. Um debate em aberto*, Conimbriga – Anexos 5, Coimbra, Instituto de Arqueologia.

VILAÇA, R. (2008a) - Reflexões em torno da presença mediterrânea no Centro do território português, na charneira do Bronze para o Ferro. In Celestino Pérez, S.; Rafel, N.; Armada, X.-L. (eds.), *Contacto cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII ANE): La Precolonización a debate*, Madrid, Escuela Española de Historia y Arqueología de Roma del CSIC, Série Arqueológica, p. 371-400.

VILAÇA, R. (2008b) - *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*, Coimbra, Palimage.

VILAÇA, R. (2011) - Ponderais do Bronze Final-Ferro Inicial do Ocidente peninsular: novos dados e questões em aberto. In García-Bellido, M. P.; Callegarin, L.; Jiménez Díez, A. (eds.), *Barter, Money and Coinage in the Ancient Mediterranean (10th-1st centuries BC)* [Anejos de Archivo Español de Arqueología, LVIII], CSIC, p. 139-167.

VILAÇA, R. (2011-2012) - Late Bronze Age: Mediterranean impacts in the Western End of the Iberian Peninsula (actions and reactions). In Aubet, E. e Pau, S. (coord.), *Interacción Social y Comercio en la Antesala del Colonialismo: Los Metales como Protagonistas*. Actas del Seminario Internacional, *Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, 21, p. 13-30.

VILAÇA, R. (2012) - Monsanto da Beira. In Alarcão, J. e Barroca, M. (coord.), *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Porto, Figueirinhas, p. 236.

VILAÇA, R. (2013) - O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: evidências, interação e simbolismos,

Estudos Arqueológicos de Oeiras, 20, p. 191-220.

VILAÇA, R.; GABRIEL, S. (1999) - Nótula sobre um machado de apêndices encontrado em Vale Branquinho (Sobral do Campo, Castelo Branco), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (1), Lisboa, p. 127-142.

VILAÇA, R.; BASÍLIO, L. (2000) - Contributo para a caracterização arqueológica da I Idade do Ferro da Beira Interior: cerâmicas a torno da Cachouça (Idanha-a-Nova), *Al-madan*, II série, 9, Almada, p. 39-47.

VILAÇA, R.; BECK, C.; STOUT, E. (2002) - Provenience analysis of prehistoric amber artefacts in Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 43, p. 61-78.

VILAÇA, R.; ROSA, J. M. (2015) - Depósito metálico na Ribeira da Gardunha, Castelejo, Fundão, *Eburobriga*, 8, p. 61-71.

VILLAS-BÓAS, J. S. (1947) - Nuevos elementos del Bronce Atlántico en Portugal, *Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español*, Albacete, Imp. Provincial, p. 156-161.

Manuscritos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

MANTPJ/CMFTPJA1/45

MANTPJ/CMFTPJA21/9

MANTPJ/CMFTPJE18

